



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do paiz acresce o importe do selo.

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactel Barbosa

Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone 73

OS RESPONSÁVEIS

Se dermos ouvidos aos que a si mesmos atribuíram um papel de educadores do povo, ninguém é responsável pela guerra. Sente-se que nesses charlatães da opinião pública há uma necessidade certa de se desculparem pessoalmente.

Os pastores e curas esfalfam-se a multiplicar as reuniões religiosas, afim de revigorar a fé de cristãos sinceros e abalados que a si próprios preguntam como é que Deus, na sua omnipotência e suprema bondade, pode permitir as espantosas hecatombes das Flandres e da Polónia. Pois bem, é muito simples; no dizer dos padres, Deus não meteu p'raí prego nem estopa—o que piamente acreditamos, pois nunca se obteve prova palpável e verificável da sua existência—mas o que é de uma bela casuística para os que tal existência admitem. Em suma, para salvar Deus, declaram-no irresponsável. Do mesmo modo, para salvar o cristianismo, um de cujos preceitos é «Não matares», invocam-se outros versículos bíblicos que recomendam a obediência ás leis governamentais, alegando-se desta sorte a irresponsabilidade da religião, pois o patriotismo exige que peguemos em armas e combatamos o estrangeiro. Maneira bem pouco elegante de uma pessoa se livrar de apertos.

Quanto aos políticos, os da social democracia declaram também que em nada contribuíram para a situação e que o partido socialista não tem responsabilidade na guerra. Atentado de Sarajevo, balbuciam eles, agressão das autoridades austríacas, perigo eslavo, ciúmes ingleses, ideas de desforra em França, tudo isso está fóra de nós. Contra isso nada podemos. Os socialistas são inocentes como pombas. A culpa é dos outros, é o erro do homem, é a natureza humana, é o poder.

Quanto aos governantes burgueses, estão mais brancos do que neve. Para os alemães, trata-se da perfidia dos ingleses, do apetite dos russos e do patriotismo francês. Para os aliados, é evidentemente o imperialismo dos pangermanistas. Põem cuidadosamente de lado as manobras das sociedades financeiras em Marrocos, em Trípoli, na China, nos Balcans, passam como gato sobre brasas por cima da preparação para a guerra, assegurada há quarenta anos nos inúmeros quartéis da Europa, e berram que é a guerra de raças, provocada sómente pelo inimigo.

Em suma, a acreditar nos vários condutores da opinião pública, toda a gente é irresponsável. Vivemos num mundo de irresponsáveis—ou, por outra, num mundo de doidos.

Mas encaremos as coisas a sério.

Há vinte séculos que o cristianismo prega a fraternidade: os cristãos devem amar-se entre si, paguemos o mal com o bem, não resistamos á violência, tenhamos em mira unicamente o reino dos céus. Ora a acção do cristianismo foi nula para impedir a guerra. O cristianismo é, pois, méro verbalismo; é a falência total, decisiva, definitiva desse movimento que pretendia influir sobre os costumes e que não conseguiu produzir neles a mais leve mudança. Não tornemos a falar dessa verbosidade, que decididamente pertence ao passado.

Os sociais-democratas, em seus congressos internacionais, nunca quiseram discutir francamente a atitude que haviam de tomar em

caso de guerra. O mais que podiam era agrupar eleitores, cuja tarefa única é manejar um pedaço de papel durante cinco minutos, de quatro em quatro anos. Sentiam muito bem que nada tinham alterado verdadeiramente na mentalidade proletária, que não haviam absolutamente fundado um verdadeiro movimento socialista. Muito mais: receavam mais do que tudo cair a fundo contra o exército, visto precisarem dum exército para garantir as sanções do Estado que elles querem conquistar e cuja existência não pode ser assegurada sem uma força militarizada. Esses irresponsáveis eram indivíduos com segundos fins ou entrojões. São de facto perfeitamente responsáveis pela mentira da social-democracia, apresentada como um movimento de emancipação, quando é um movimento político, de aspirações governamentais, que não pode ser por um desarmamento integral.

Os dirigentes burgueses, claro está, já pelo facto de terem a gerência da colectividade, são responsáveis pelo que succede. É inadmissível que, depois de ter preparado a guerra armando os contribuintes até aos dentes, excitando-os, mandando-os guerrear nas colónias, intrigando para obter mercados, ainda venham alegar irresponsabilidade. Há nisso o máximo de canalhice, de que é preciso exigir-lhes contas uma vez por todas.

Não, irresponsáveis na guerra, quase o não há. Todos os que não lutaram enérgicamente contra o Capitalismo, o Estado e os armamentos, todos os que, passiva ou activamente, facilitaram a existência da finança, do poder e do exército, todos são responsáveis pelos frutos do Capitalismo, do Estado e dos armamentos guerreiros.

E para o futuro, será a mesma coisa. Se não querem mais guerras, tem que se opór á hegemonia do dinheiro, tem que se levantar contra a política de Estado, tem que ser antimilitaristas sem restricções. Só o anarquismo permite esse programa realmente anti-guerreiro.

B. T.

Coisas historicas

18 1894—Acusados de fazerem propaganda anarquista, são condenados no tribunal de Massa-Carrara (Italia) 90 camaradas.

19 1872—Fundase em Lisboa a «Fraternidade Operária».

20-1 1914—A policia lisbonense assalta a sede do sindicato ferro-viário e prende 200 grevistas.

21-1895—Em Ancona (Italia) são presos os redactores do semanario anarquista L'agitazione.

22-1794—É assassinado em Paris, Lepelletier que pr. pôs na Convenção a abolição da pena de morte e a completa liberdade de imprensa.

23-1869—Saí em Genebra (Suissa) o primeiro dum semanario com o titulo, A Igualdade. Até ao fim desse ano defendeu-se a idea anarquista; depois, com a mudança de redactores, ficou sendo órgão de Outine e outros politicos operários.

24-1914—Morre em Londres o grande astrónomo David Gill. Escreveu as seguintes obras: Determinação do parataxe solar e da massa da lua; Fotografia das estrelas visíveis no Cabo, Relatório sobre a triangulação na Africa do Sul; várias memórias, etc., etc.

Almanaque de Tierra y Libertad

Ao preço de \$20 (200 reis) cada exemplar já se encontra á venda este excelente almanaque, na Biblioteca A Vida.

Causas e efeitos

Se a guerra tem sempre e em toda a parte os mesmos efeitos, a culpa não é deste ou daquele povo (embora saibamos que um e outro são mestres na arte de matar), mas sim da própria guerra. Parece-me que é na essência mesma da guerra que reside o mal.

A pólvora e toda a vida guerreira parecem aturdir os homens, a ponto de já não saberem o que fazem. O homem terno e brando torna-se um tigre, uma hiena. A verdade é que só há um meio para extirpar o mal, como só há um meio para combater o alcoolismo, com o qual tem grande semelhança. Para combater o alcoolismo, é preciso não beber. É o único meio decisivo. Do mesmo modo só há um meio para matar o espirito guerreiro: não fazer guerras. Mas então, é preciso não dar os meios necessários á guerra e combater o militarismo em todas as suas consequências.

Detestais as atrocidades da guerra; mas, dizei-me cá, pode a guerra ser feita sem atrocidades? Quereis abjurar os males da guerra, os seus desastres; mas não é a guerra de per si o maior mal? Não é ela por si só um desastre? Mais uma vez: quem não quer as consequências, deve suprimir as causas. Sem isso nunca chegaremos a resultado algum.

É esta máxima tão simples, tão clara, que é sempre esquecida. Quando a atmosfera está cheia de electricidade, as matérias eléctricas necessariamente se hão de descarregar, isto é, estala uma trovada. É o que se produz na atmosfera política: tem que se descarregar, não ha outro remédio e isso dá-se por meio da guerra.

O homem ou exército que mais inimigos (?) inutilizou, ferindo-os ou trucidando-os, será louvado como herói que bem mereceu da pátria.

Sejamos honestos e consequentes! Se inventei uma máquina, o meu desejo é que ela seja aplicada para ver se a prática é conforme á teoria. É uma verdade elementar que ninguém poderá negar.

Se inventei um engenho de destruição com o qual posso aniquilar um exército inteiro dumavez, devo desejar que apareça enjeño de aplicar esse engenho para verificar se são justos os meus cálculos, feitos com seriedade e extrema cautela. Devo, pois, desejar aplicar as minhas ideas, e como isso só em caso de guerra pode ser, devo desejar que estale a guerra.

Mais uma vez: é a maldição do sistema e não nos devemos admirar das suas consequências, enquanto elle existir.

Dantes, faziam as cidades guerra umas ás outras. Por fazerem parte do mesmo país, já hoje assim não succede. Depois, guerrearam-se as provincias—o que terminou, por elas formarem um todo.

Porque não há-de haver uma federação dos Estados europeus? Deixará então de haver motivos para se combaterem. Os Estados- Unidos da Europa são tam realizáveis como os Estados Unidos da America do Norte (1).

A República suíça mostra-nos o caminho. Embora muito diferentes, os cantões alemães, franceses e italianos, cada um com a sua língua própria, autónomo em si mesmo, não se combatem entre si e eu nunca ouvi uma só vez desejar, na Suíça, que esses cantões sejam anexados pelos países em que se fala a língua do cantão. Eis um sólido fundamento para um desenvolvimento pacífico.

Portanto abaixo o sistema de hoje! O militarismo é em toda a parte o mesmo, nenhum povo pode

cenurar outro, pois todos são igualmente culpados. Suprimai as causas e as consequências desaparecerão. É bem estranho que homens razoáveis não compreendam que não pode dar resultados uma luta contra os efeitos.

DOMELA NIEUWENHUIS

(1) Os Estados Unidos da Europa suprimiriam as guerras entre si, mas não as guerras, subsistindo as suas causas—o Capitalismo e o Estado. Seria mesmo duvidosa a supressão das guerras entre os Estados europeus. Precisamente nos Estados Unidos da America do Norte houve, de 1860 a 1865, a famosa guerra da Sucessão entre os Estados do Norte e os do Sul. Os primeiros, industriais, tinham interesse na abolição da escravatura, em atrair aos centros industriais os escravos libertos; os segundos, agricolas, de grandes latifúndios, empenhavam-se na manutenção do trabalho escravo, pois os salarios difficilmente ali seriam retidos sem grandes compensações, tanto mais que as terras não eram escasas nem caras. Guerra, pois de interesses capitalistas entre Estados da mesma União «federal».

Mas, admitida embora a supressão das guerras europeias entre-estadaes, restariam as guerras intercontinentaes, ainda mais vastas.

Em vez dos diversos imperialismos europeus—germânico, inglês, francês, russo, etc.—haveria um imperialismo europeu único, contra o imperialismo americano, contra o asiático e os outros que se fossem constituídos. Paneuropeismo, panamericanismo, etc., disputa feroz do mercado mundial; guerras coloniais; militarismo de terra e mar.

O remédio eficaz é a supressão do Capitalismo e dos Estados, substituídos pela livre federação dos grupos produtores. E nós devemos lutar pela realização deste programa integral, deixando ao liberalismo burguez o esforço por esses programas de transacção que o grosso da burguesia começa por combater e cuja realização, em momentos da história, custaria tantos sacrificios como outras conquistas mais substanciaes para o proletariado, mas aos quais por fim a burguesia se agarra inteligentemente para se salvar do naufrágio, quando rugem a tormenta revolucionária.

Naturalmente, Domela Nieuwenhuis assim pensa também, tendo querido apenas argumentar com exemplos frisantes contra o absurdo raciocínio dos que nos falam de guerras por patriotismo, incompatibilidades de raças e civilizações e outras baleas destinadas a encobrir as causas verdadeiras dos conflitos internacionais. Não vivem em paz os cantões suíços, de raças e línguas diferentes? Não constituem elles uma só «pátria»—no sentido artificial que os burgueses dão a esta palavra?—(Nota da Redacção)

O Internacionalismo não faliu

Há quarenta anos que os internacionalistas dizem ao povo: «Se deixais que os governos vos arruinem cada ano mais com armamentos insensatos, que constituem outras tantas ameaças aos vinhos, acabareis por vos ver um dia implicados numa guerra espantosa, que lançará uns contra os outros todos os povos da Europa.»

De há quarenta anos para cá tem os governos proclamado que querem a paz, sem contudo deixar de «preparar» a guerra, a ponto de a tornar um facto; e agora, entre os que contribuíram para produzir este resultado, há quem tenha o descaramento de nos vir dizer: «Bem vêdes que o internacionalismo é impossível, pois que os povos andam á tapona uns aos outros!»

Corja de patifes! É precisamente por via dos vossos enganos e tranquiñerías que hoje os povos tem que se trucidar.

E quando em face da agressão germânica—pois não havia remédio senão haver um «gressor» e foi o que se julgava mais «preparado»—os socialistas e os revolucionários, submetendo-se á força dum estado de coisas (ciado, repetamo-lo, pelos que dos conflitos dos povos tiram riquezas e que nós sempre combatemos), consentiram em deixar-se armar para solução dum problema que os traficantes da diplomacia, da política, da finança e de certas indústrias se esforçaram por impedir que fôsse pacificamente arranjado, servindo-se para isso, nos últimos quarenta anos, de todas as forças sociais a seu dispor,—esses traficantes reaccionários tem agora o desplante de proclamar a falência da solidariedade dos povos!

Esta guerra, que aos povos só poderá dar ruínas tais que serão necessárias muitas gerações para as reparar, misérias impossiveis de aliviar, constitui por si só a prova mais frisante de que só obterão a liberdade e o bem-estar renunciando para sempre aos insensatos armamentos, ás ideas de conquista. Hoje em dia, a guerra já não é uma industria proficua para os que a praticam. Só os fornecedores militares tiram dela lautos proventos. Só na paz podem os povos prosperar; mas é preciso querê-la e prepará-la.

Se os alemães agrediram a Bélgica e a França, é porque os

guerristas do seu país os embriagaram com mentiras e sofismas, levando-os a acreditar que a Europa se tinha coligado para obstar ao desenvolvimento deles, para os dominar e oprimir. Metendo lhes na mão a arma fricida, a classe dominante teve o cuidado de lhes não pedir o consentimento. «Foi-lhes imposto pela força lançarem-se sobre os que lhes eram designados como seus inimigos, sem que tivessem sido consultados sobre as suas preferências.

Quantas vezes não foram os alemães representados pela imprensa nacionalista francesa como um rebanho impellido a bater-se só á força de chibata e de revólver dos officiaes! Essa imprensa mentiu, como mente sempre que o exige a sua obra reaccionária.

Os alemães—ludibriados pelos seus amos, como tratam de nos ludibriar os nossos por meio da imprensa vendida—não precisam da chibata para combater. Mas não há dúvida que, se lhes tivessem permitido exprimir a sua opinião e agir livremente, não teriam certamente escolhido a guerra, mas a paz. Como três quartas partes dos franceses, elles sofreram os acontecimentos sentindo-se impotentes para lhes resistir. A seu pesar, lançava-os uns contra os outros um concurso de circunstâncias preparadas pelos inimigos da paz e do accordo internacional dos povos.

O erro de muitos dos nossos camaradas franceses foi querearem justificar a sua participação na guerra com uma pretensa defesa dos nossos direitos, da nossa liberdade, querearem estabelecer um confronto entre a situação presente e a de 1792 e decantarem-nos o «dop» de liberdade que elles diziam ter unido a Europa contra a Alemanha.

Isso é retórica mal aplicada. Em 1792, a França desembaraçara-se do regime arbitrário e absolutista da monarchia e abollira os últimos vestígios da servidão feudal; conquistara certas liberdades políticas; todos os cidadãos eram declarados iguais perante a lei; o povo obtivera a sua liberdade, ou pelo menos cuidava tê-la obtido, não lhe havendo ainda ensinado a experiencia que a liberdade e a igualdade políticas não passam de mentiras quando não acompanhadas pela igualdade económica. A